

Nós que nos amávamos tanto

Brígida Cavalcanti Alves¹

Queria você aqui. Do jeito que pensei, com todas as cenas marcadas por início, meio e fim. Queria escrever o que você diz, para depois ler, reler, fazer melodia.

Fecho os olhos e lembro do amor que sentia por você, do amor que a gente fazia, do seu toque, seu colo sempre disposto a me acolher. As imagens que não saem da cabeça são sempre aquelas: você acordando cedo e indo para sala assistir TV. Em seguida, eu acordava, escutava o seu barulho resmungando em frente às partidas de futebol e ia ao seu encontro, sentando no seu colo como uma menina querendo dengo, pedindo por amor. Você abria os braços, me envolvia, conversava sobre a partida, me testava querendo saber: “O que quer dizer impedimento?” Eu prontamente respondia: “Quando um jogador avança a linha, sem ter quem o impeça”. Logo ria e concordava, pensando na próxima pergunta que me faria.

A chaleira apitava na cozinha, o café estava pronto, mas eu não estava para sair do seu colo, da atmosfera que só eu e você sabíamos que existia quando meu corpo encontrava o seu. O mundo acontecia ali, entre perguntas, risadas, mordidas, sussurros.

Hoje, ao lembrar, sinto que chegou a minha vez de perguntar: Por que você avançou sem mim?

¹ Reside em Campina Grande/PB. É psicanalista e mestrandia em psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte